



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

## Cartas á minha vizinha

### XXV

*A resposta da Vizinha á minha resposta. — Uma accusação exaggerada ás minhas doutrinas. — De como ellas não deslocam o eixo da terra, nem perturbam as orbitas dos astros. — As premissas que estabeleci e as suas conclusões. — A desburocratização do paiz. — O primeiro dever da mulher: ser saudavel e forte. — A sua instrução geral e a sua preparação «especial». — Hygiene e dinheiro. — As doenças dos ricos. — A dispepsia e um dito de Voltaire. — Dinheiro e bom gosto. — Uma contra-dição da Vizinha. — De como se volta a fallar nas Escolas Ménagères.*

Vizinha :

REATEMOS o fio da nossa discussão, que na ultima carta quebrei para fallar-lhe nas minhas recordações e na minha saudade.

Começa a Vizinha, na sua resposta á minha resposta, por dizer que a conclusão das minhas criticas á *moda*, ao luxo da mulher e á sua falta de preparação, entre nós, para o casamento seria profundamente desanimadora se fosse verdadeira.

«Esperanças acalentadas carinhosamente, durante alguns annos, sonhos de amor, de ventura, de felicidade, tudo desfeito, tudo aniquilado, tudo perdido», exclama a Vizinha,

em tom pathetico ! E acaba por dizer que da verdade das minhas doutrinas poderia resultar, se todos se compenstrassem d'ella, que não mais houvesse casamentos e que o paiz se despovoasse . . .

Por amor de Deus, Vizinha, veja que por pouco não accusa as pobres das minhas opiniões de quererem deslocar o eixo da terra, perturbar as orbitas dos astros e provocar algum cataclismo cosmico !!

Não, minha terrivel censora, a conclusão a tirar das minhas criticas não é, não pode ser, o desanimo ou a renuncia, porque elles são unicamente legitimos perante o *irremediavel* ; quando não, chamam-se apenas fraqueza ou cobardia . . .

Não, Vizinha, a conclusão a tirar das premissas que estabeleci é muito outra, como lhe vou mostrar.

Eu comecei por affirmar :

1.º) Que hoje é um facto trivial o casamento por dinheiro e que elle traduz uma perigosa inferioridade moral, produzindo uma constituição viciosa da familia.

2.º) Que o *explicam*, pelo lado do homem : umas vezes a ambição do oiro, «senhor do mundo», como diz Mephistopheles na sua canção ; outras o receio dos timidos em arcar com o pesado fardo que é custear, pelo proprio esforço, as despesas de um lar.

3.º) Que, na verdade, o custo do casamento já de si oneroso, é ainda *aggravado* pela tendencia para o luxo, tão vulgar na

mulher, *coquette já desde a prehistoria*, pelo dispendio absurdo com as *mudanças da moda*, no traje feminino, e *sobretudo* pela falta de uma preparação séria e methodica das nossas burguezinhas para o casamento.

4.º) Que a sua educação não é, em geral, tranquillizadora, para quem quizer constituir um lar, porque, tendo a desvantagem de as tornar *frivolas*, não dá ao menos a compensação de as fazer *valer por si* e não pelo dinheiro que trazem.

Dando estas affirmações como verdadeiras, as conclusões *praticas* a tirar, o caminho a seguir, não nos conduzem, como a Vizinha diz, a um estreito beco sem sahida, triste como a fatalidade e arido como o deserto.

Não, Vizinha pessimista, conduzem-nos, ao contrario, a um largo campo, cheio de luz, com um vasto terreno a arrotear, carecendo de muito esforço, realisado sem desanimo nem tibieza, mas com audacia, com fé, com alegria, como o trabalho dos campos que o lavrador faz cantando, com a esperança na *farta recompensa* da colheita. . .

O que eu entendo que ha a fazer, Vizinha, é:

## I

Dar ao homem, por uma educação intensa: a audacia e a energia para a vida, que o façam encarar sem receio a possibilidade de construir um lar, com a força dos seus braços ou com o valor da sua intelligencia. E' habitua-lo a contar comsigo, a confiar em si, a ter o orgulho de dever o que é ao seu proprio esforço. E', portanto, encaminha-lo para as profissões, onde se desenvolvem predominantemente estas qualidades e em que ellas mais se exigem para se vencer: a industria, o commercio, a grande agricultura.

O homem livre e moralmente independente, habituado a viver do proprio esforço e a contar com elle, sentirá com certeza uma grande repulsa por essa abdicação de legitimo orgulho, por essa torpe confissão de cobardia ou de ganancia que é o *casamento por dinheiro*.

A *desburocratisação* do nosso paiz é portanto um dos caminhos a seguir, para se

normalisar a constituição da familia portugueza.

Para isso, porém, é preciso reformar a educação da burguezia desde os seus alicerces, desde o *primeiro ensino*, que é dado sobretudo pelas mães, primeiros modeladores da alma docil das creanças.

Uma propaganda intensa, a formação de Ligas e Associações de Paes e educadores, e sobretudo a larga introduccão dentro do nosso paiz de collegios burguezes, do typo das *New-Schools*, convenientemente adaptado, devem facilitar muito esta pesada tarefa.

## II

Mas para que o *custo do lar* seja o menos pesado possivel, para que a mulher seja escolhida pelo que *vale*, por si, e não pela doirada moldura do seu dinheiro, para que ella pague bem o nobre desinteresse de quem a escolheu, preparemo-la *sériamente* para o casamento.

Procuremos, antes de mais nada, formarlhe um corpo forte e sadio.

Que os seus pulmões se habituem, desde a infancia, a respirar um ar lavado e puro, longe das grandes agglomerações urbanas e da sua atmospheria pobre e corrupta.

Que um exercicio moderado e hygienico, como os jogos ao ar livre, o remo, a natação, até a bicycleta, lhes oxygene o sangue, fortifique os musculos e acalme os nervos.

Que uma alimentação cuidada, adaptandose ao seu temperamento, corrigindo-lhe as diateses morbidas, regenere as suas perdas organicas.

Que um vestuario racional, amplo e simples, lhe não tolha os movimentos, nem embarace a expansão livre do corpo.

Evitaremos assim que a mulher venha, com a sua fraqueza organica, *o seu mal estar, as suas doencas*, entristecer o lar, roubar-lhe: energia e dinheiro, alegria e tranquillidade.

Ella não contribuirá então para que os filhos sejam debeis e, desde o nascimento, condemnados a uma vida miseravel de combalidos, á mercê de todos os achaques.

Depois cumprirá facil e corajosamente o dever sagrado de os amamentar, dando-lhes a vida com a sua propria vida, tornando-os bellos e fortes á sua semelhança.



## Hora sincera

A ELYSIO DE CAMPOS.

*Soubesses tu, ó meu Amor, que a vida  
Não é senão a febre do momento,  
Estrella d'alva que, no firmamento,  
Logo se apaga, apenas é nascida ;*

*Soubesses tu que uma illusão perdida  
Não é só desespero e soffrimento  
Mas o remorso, a dor de pensamento  
Que sente, ao expirar, um suicida ;*

*E talvez, e talvez menos severa  
Viesses no coração que se exaspera  
E te magôa, á força de te amar,*

*Um coração tristissimo e cansado  
De ter sonhado e desejado e amado  
Tudo o que a Vida nunca lhe quiz dar !*

1911. (Inédito)

JOÃO DE BARROS.

### III

Como a mulher deverá ser a companheira do marido, a sua amiga mais íntima, a sua confidente mais segura, dêmos-lhe uma *instrução geral* que a aproxime d'elle e torne a sua convivência culta e illustrada.

Essa cultura não será uma erudição vazia e pedante, mas uma instrução pratica e solida, feita dos principios elementares das diversas sciencias, de noções educativas de arte e das suas applicações ; não ensinará á mulher a vaidade e a pretensão, mas a simplicidade, a tolerancia, a benevolencia, tão necessarias para a vida em commum.

Alem d'estes conhecimentos geraes, a mulher precisa de uma *preparação especial* para a direcção da casa e para a educação dos filhos.

Essa preparação fa-la-ha uma organisadora conscienciosa e intelligente do lar. Ensiná-la-ha a administrar com criterio e economia, e, por um estudo scientifico e pratico da hygiene, a manter e defender a saude dos que lhe são caros.

Diz a Vizinha que, se em muitos lares fal-

ta a hygiene, a arte e o conforto, é porque tambem falta o dinheiro.

Não, minha illudida censora, engana-se, não é só a falta de dinheiro que torna o lar do pobre doentio e desconfortavel, é tambem e muitas vezes a imprevidencia, o vicio, a indolencia e a ignorancia (1).

E' tambem a ignorancia, são os preconceitos, os maus habitos, que fazem com que a meza dos ricos e até o seu vestuario e habitação sejam frequentemente violações flagrantes da hygiene.

Muitas e muitas vezes até, não é a falta de dinheiro, mas a sua abundancia que provoca infracções graves ás normas que regulam a saude.

A arteriosclerose, a gotta, o rheumatismo, a gravelle, são doenças dos sedentarios e dos super-alimentados.

A dispepsia, essa doença tão geral, diz Lubbock é nove vezes sobre dez o resultado da nossa imprudencia ; deriva de uma *nutrição demasiado abundante e defeituosa*, combinada com a falta de exercicio.

E já o ironico Voltaire dizia de um homem, que lhe apresentavam como feliz, por ser rico e ter uma linda mulher: « que elle nada possuia se não digerisse bem ».

A *dona de casa* tem assim na sua mão, *um dos elementos essenciaes da saude* dos que estão confiados aos seus cuidados.

E' por isso que, com toda a razão, affirma a illustre Directora da Escola das Mães de Paris: Não basta que *Ella* comprehenda a importancia de uma alimentação racional para a saude e robustez dos membros da sua familia, é preciso ainda que possua os dados sufficientes para *realisar* essa concepção, qualitativa e quantitativamente, sabendo como as condições da vida: *o meio*,

(1) Fallando da necessidade do ensino domestico, diz o professor Gilbert-Ballet: Para a mulher do povo a ignorancia das noções que fazem a *bou dona de casa* é ainda mais prejudicial. Governando mal o seu magro orçamento, não tirando todo o proveito que poderia dos modicos recursos de que dispõe, ella manterá a *difficuldade* de viver em sua casa, onde poderia muitas vezes haver quazi o bem estar.

a *idade, o trabalho etc.* as modificam. Este estudo, que deriva sobretudo da physiologia e da chimica, conclue M.<sup>me</sup> Moll-Weiss, é um dos que mais servem para a applicação dos conhecimentos scientificos adquiridos pela mulher.

## IV

Tambem não é só com o dinheiro, Vizinha, que se torna o lar confortavel e adornado com arte. E' mais com um *bom gosto* cultivado e fino, com um *tacto* delicado e carinhoso.

Quantas casas de ricos não conhece, Vizinha, em que os *adornos caros* se amontoam sem arte, sem gosto, dando a impressão de um grosseiro e opulento bazar feito para deslumbrar os outros? . . .

E no entanto a sensação que o nosso *home* nos deve despertar é bem outra.

E' uma impressão intraduzivel de bem estar, de consoladora tranquillidade, de alegria saudavel e luminosa, pondo o seu nimbo de oiro nas pessoas, nas coisas, em todo o ambiente. . .

E' uma sensação de harmonia suave nas proporções, nas côres, na luz, na disposição dos objectos, que nos prende e enleva os olhos.

E' a gente sentir que tudo foi disposto e ordenado por mãos sabias e carinhosas, que deixaram, como que impressa no ambiente, um pouco da sua delicada affeição por nós.

Ao entrarmos n'um lar assim temos a suave impressão que até as proprias *coisas* nos acolhem carinhosamente; e é sempre com tristeza e com saudade que o deixamos.

Abençoada a mulher que consegue crear na familia esse ambiente carinhoso e acolhedor, em que uma arte delicada se allia a um affectuoso conforto, porque ella contribuirá para formar, á sua semelhança, almas cheias de bondade de belleza!

E aquella que creou esse ambiente terá a felicidade de vêr todos os que lhe são caros, attrahidos pelo encanto que as suas mãos e o seu coração espalharam no seu lar, viverem o mais possivel a vida affectuosa e intima da familia.

Mas só o conseguirá se tiver essa rara flôr de bom gosto e de delicadeza de sentir,

NA 1.<sup>a</sup> PAGINA DA «GEORGICA»

(INÉDITO)

(Offerecendo um exemplar d'esse meu poemêto a Henrique de Vasconcellos, recém-casado)

*Deixa de Clintia o collo airoso, cuja pelle*

—*Rosa de neve feita e em mel desteita—*

*Igualo a neve e a rosa cheira e sabe a mel . . .*

*Deixa de Clintia, — a Primacial! a Eleita!*

*O seio mórno, o perfumado seio:*

*E vem, Phileno, apasiguado o Anceio,*

*(Hora furtada á Felicidade . . .)*

*Ler os meus versos, onde a Alma vón e canta*

*Cheia d'alacridade,*

*Triumphal e gloriosa, ao fim, como Atalanta!*

*Pelos teus avaliando os meus Anêlos,*

*Melhor do que ninguem tu has-de comprehendê-los.*

*Nessa hora,*

*Feliz de mim, se olhos d'Elle, ao lado,*

*Na rapida leitura os teus forem seguindo,*

*Muito embora*

*De Pavlo e de Francesca repetindo*

*A meio da leitura o caso celebrado,*

—*Nessa hora . . .*

CARLOS DE LEMOS.

que é um dom natural, mas que, como tudo o que é espontaneo, se cultiva e se aperfeçoa.

E para isso não encontrará a mulher uma Escola melhor que a da verdadeira *Arte*, irmã divina, segundo Ruskin, da Bondade e da Pureza.

A musica, o desenho e a pintura, sobretudo quando traduzem a natureza, educam o gosto, habitua a alma ao sentimento da harmonia, da proporção, da combinação das côres e das formas. E, assim *habituada*, a sensibilidade já não tolera um meio grosseiro, inesthetico, ou banal. . .

A saude e a belleza do lar dependem portanto da educação da mulher, d'essa *educação ménagère* que merece toda a *importancia* que lhe dou e de que a Vizinha troça, com uma tão injusta ironia. . .

## V

Devemos tambem preparar a mulher para



ser mãe cuidadosa, conhecendo a *puericultura*, a *hygiene* e *psychologia* infantil, porque ella deve ser a enfermeira, a guarda e a educadora dos filhos.

Ainda bem que a Vizinha me dá, n'esta parte, um pouco de razão, confessaando que a educação da mulher é insufficiente sob este ponto de vista.

Diz, porém, que eu exagero esta falta e que nos nossos lares se criam muitos individuos fortes, são, inteligentes. . . Mas logo depois se contradiz flagrantemente e me dá razão, condescendente Vizinha, quando confessa no final da sua carta que «os rapazes do meu tempo são atacados: de indolencia, commodismo, da fraqueza e do medo»?!

Ora de onde lhe vêm esses defeitos, minha terrível censora, que são uma triste realidade? Do *meio social*, sem duvida, mas *sobretudo* do meio familiar que é aquelle que modela e vinca mais fortemente os caracteres.

Já o velho Mousinho da Silveira dizia, com razão, que os filhos quando vinham para a sociedade já estavam pelas mãos «perdidos ou ganhos, para ella».

Procurei mostrar-lhe, Vizinha, em outras cartas, como era complexa e difficil essa educação *ménagère* e o estudo da *puericultura* e como *não bastam* simples leituras, como a Vizinha quer, feitas, é claro, em *velhos* ambientes familiares, onde se crearam *velhos* habitos e se enraizaram rotineiros preconceitos.

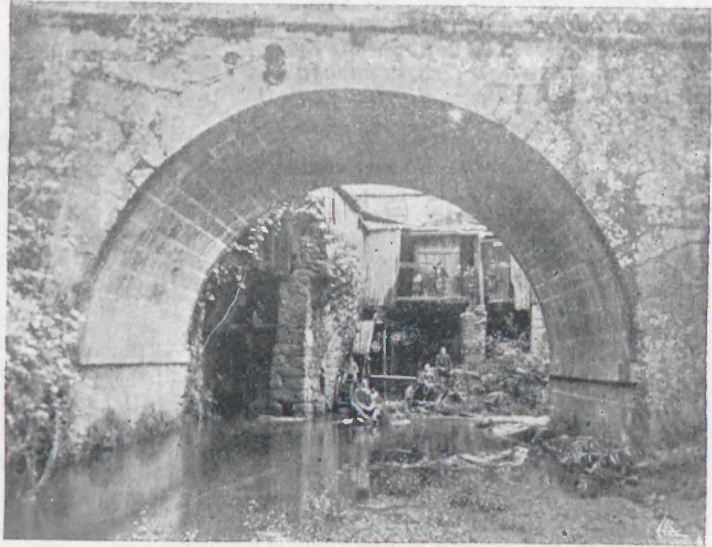
Não, Vizinha, a simples leitura de livros não basta: é preciso um ambiente *novo*, onde uma preparação *scientifica* seja seguida e *fixada* por uma *pratica scientificamente* realisada.

Esse ambiente *novo* obtem-se com as *Escolas-Ménagères* que á educação *futil* e *falsa* dos collegios vulgares, substituem a

educação *pratica* e *séria*, que *prepara* a mulher, para o que ella deve ser na Vida, honesta e conscientemente.

Creemos portanto esses Institutos de Educação Nova e seja a mulher a primeira a reclamá-los, em nome da elevada e difficil missão que tem a desempenhar na Vida.

Eis aqui, Vizinha, as conclusões a tirar das minhas criticas á educação da mulher actual, e da sua falta de preparação para o casamento.



MARÉCES — UM AFLUENTE DO CAVADO

Cliché do sr. A. Vasconcellos

Simili-gravura de M. Abreu

Ellas não levam ao desanimo e á apathia, mas á lucta, a uma cruzada santa, pelo aperfeiçoamento da mulher, pela felicidade, pela vida saudavel, bella e intensa da Familia, corpo de que Ella é o *coração*.

Quem deverá empenhar-se n'essa lucta? Procurarei dizer-lh'ò, na proxima carta em que acabarei de responder ás suas, em que uma critica amavel e ironica encontra sempre uma elevada arte e uma cortezia esmerada para se exprimir.

Do seu vizinho que cada vez  
se mostra mais:

Importuno.

Novembro, 1911.

## CARTA

*Não tenho irmã... Mas sempre que te leio  
Há na minha alma um canto de inocência,  
Como se fosses minha irmã mais nova...  
Amo-te e mal t'ô digo; tenho medo  
Que vejas nesse amor mais do que a chama  
Longinqua duma estrela, que não queima,  
E só dá luz misteriosa e clara...  
Quero-te como a flor ás águas quietas  
Onde se espelha, e em máguas se desfolha.  
(Tambem se esfolha na tua alma etérea  
A minha, num zumbido de queixumes...)  
E tu ouves-me, e entendes como é triste  
A's vezes o horizonte que descubro,  
Tam doirado para outros, que, de certo,  
Não sentem, como eu sinto, a dor antiga  
Das vidas todas da Floresta imensa!  
E eu abro-te o meu peito (a ti sómente!)  
E digo-te:—«Procura nos escobros  
Do coração a imagem da Ventura;  
Procura, meu amor!»—E nada encontras  
Senão o teu reflexo... O resto é sombra!  
E' um lago triste, onde o luar apenas  
Deixa, de leve, uma cambraia etérea,  
—Como naquellas águas que os salgueiros  
Cobrem, chorando, — e ficam misteriosas...  
Quantas vezes mergulhas as mãos pálidas  
Nas águas melancólicas, e trazes  
Recordações, paisagens vespertinas,  
E, em tanta e tanta dor, a flor balsâmica  
Do Bem, que não se mirra no meu peito.  
O' mãos esguias de luar e rosas,  
Só vós desceis aos pégos da minh'alma!*

*Não tenho irmã... Mas Deus quiz dar-me a tua  
Graça tam frágil, delicada e linda,  
Que eu temo sempre que algum vento a quebre.  
Sempre te vejo, sempre! Como é doce  
O encanto que me invade!... O teu vestido  
E' todo de luar e de quimeras;  
O teu andar é um voo esbelto e lento;  
Em torno a ti há sempre um nimbo de azas...  
E's linda como a flor das amendoeiras,  
E as nuvens brancas das manhãs de maio,  
E a espuma da água, que eu ha muito escuto  
A ver se entendo o que ela diz aos Poetas...  
E's leve como a sombra duma rosa!  
E bela como tudo que ama em extasi!*

*Eu sou a ave negra, que prenderam,  
Tu és a ave que ainda voa e canta.  
Leio-te, e fico como se escutasse  
Uma canção que ás vezes me entristece,  
Uma saudade que me dá alegria...  
E' tudo que passou e que foi belo,  
E apaixonado, e puro, e caricioso.  
E' tudo que passou — e nunca esquece.  
Escreve! Dá-me em teu gorgeio alado  
Um pedaço de azul, e um resto ainda  
Do brilho das estrelas nas tuas azas...*

(INÉDITO)

JULIO BRANDÃO.

## BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS

QUEM ha ahi que não os tenha recebido?

Quem ha ahi que não tenha sido surprehendido, durante o frugal almoço ou o succulento jantar, com a chegada de um d'esses graciosos rectangulos de cartão, onde perpassam, n'um esvoaçar transitorio e fugaz, todas as sublimes concepções da phantasia, e todas as reproduções photographicas da realidade!

Um bilhete postal illustrado!

Que thema tão vasto para a chronica de um litterato, e tão original para a paleta de um artista das côres!

Umaz vezes é a figura subtil e volatil de uma mulher formosa, docemente phantasiada por algum pintor enamorado em horas magicas de inspiração e de fogo.

E ao pegarmos no pequeno cartão polido, onde se estampa essa doce silhueta feminina, que de impressões se não sentem, que de imagens nos não assaltam!

E' o architectar infantil de todo um sonho doirado, que se vae delir tristemente com o ruido da creada que apparece com o segundo prato e nos vem interromper os vãos da phantasia.

E então — lá collocamos sobre a meza o bilhete postal illustrado, pezarosos de o deixarmos alli na sua mudez e quietude, mas fitando-o sempre, de vez em quando, porque aquella silhueta feminina do postal parece que nos chama, parece que nos sorri... com um carinho que não é banal!

Ah! como são graciosas as mulheres... pintadas com arte nos bilhetes postaes illustrados!

Como nos parece que alli, n'aquelle postal, o sexo das poesias tem requintes que ignoravamos, tem amabilidades que desconheciamos!

Como é franco aquelle sorriso estonteante, como é convidativo aquelle gesto provocador!



Oh! eu amo, e sempre amei, as mulheres dos... bilhetes postaes illustrados.

Eu vi sempre n'ellas a photographia de qualquer coisa que não existe, porque achei sempre impossivel que existissem as coisas que muito se amam!

\* \* \*

Outras vezes, o bilhete postal illustrado é um livro da mais alta e sadia moral.

E' uma creancinha innocente, de olhos angelicos, a fitar-nos com uma doçura, com uma meiguice, como não ha igual!

E' um velho alquebrado, de feições patriarchaes, a brincar com a sua netinha que, parece, o está desafiando para a vida, para as alegrias da existencia!

E' a familia feliz, com todos os pequerruchos á volta da mamã, gordos e anafados, a exteriorisar nas suas pequeninas figuras o sentimento puro do seu amôr filial.

E' a mãe absorta e contemplativa, olhando para o filhinho que tem nos braços, pensando,—quem sabe?—no futuro brilhante que o espera... n'esse futuro que lhe apparece, ainda envolto em neblina e em mysterio!

Que quadros estes, todos elles respirando uma atmospherã de quietude, uma atmospherã abençoada de nobres sentimentos!

\* \* \*

E a contrastar com tudo isto... ha tambem a collecção esfusiante de prazer, a serie divertida das excentricidades da vida.

O comico, o ridiculo, o extravagante e o exotico, tudo fornece assumpto, tudo cria as situações para o bilhete postal illustrado.

Elle cinge-se a todas as ideias, adapta-se a todos os temperamentos, e ajuda, em todos os transes, quem se vê obrigado a emprega-lo.\*

Aquellas figuras, aquelles desenhos, aquellas photographias, aquellas scenas, na apparencia tão inertes e tão frias, dizem ás vezes muito mais do que a comprida epistola e do que as estiradas phrases.

Que de mysterios não encerra, por vezes. um bilhete postal illustrado!

Que longos discursos, que quentes conversas allí se não resumem, com uma psychologia tão fina que faria quebrar a cabeça

de um philosopho e que encanta e alegra aquelles que os recebem e tão facilmente os comprehendem e interpretam!

E' por isso que o bilhete postal illustrado ha-de ser sempre uma das maiores maravilhas do seculo que nos viu nascer.

Elle ha-de ser sempre — a despeito de todos e de tudo — a melhor desculpa, o melhor pretexto, a melhor occasião e o melhor tempo.

E sendo assim — não ha nada melhor do que elle, visto que as occasiões e o tempo são e hão-de ser sempre... tudo.

JOÃO SEVERO.



## AS ESTRELLAS

### Narrativa de um pastor provençal

No tempo em que eu guardava gado no Luberon, ficava semanas inteiras sem vêr viv'alma, sósinho nas pastagens com o meu cão Labri e as minhas ovelhas.

De tempos a tempos passava por lá o ermita do Monte de Ure para procurar hervas medicinaes; e ás vezes via tambem o rosto ennegrecido de algum carvoeiro do Piemonte; mas eram tudo pessoas ingenuas, silenciosas á força de viverem sós, tendo perdido o gosto de fallar e não sabendo nada do que se dizia lá em baixo, nas aldeias e nas villas.

Por isso quando, de quinze em quinze dias, eu ouvia, no caminho para o monte, as campainhas do macho da nossa quinta, trazendo-me as provisões da quinzena, e que via pouco a pouco apparecer na subida a cabeça gaiata do pequeno *miarro* (creado da quinta) ou a touca amarella da velha *tia* Norade, ficava bem contente.

E então obrigava-os a contar-me as noticias da terra, os baptisados, os casamentos; mas o que mais me interessava era saber como ia a filha dos meus patrões, a nossa *Stéfaneite*, a mais linda rapariga que havia dez leguas em redor. Informava-me, sem parecer que tinha n'isso muito interesse, se Ella ia muito ás festas, aos serões, se lhe appareciam novos conversadores; e aquelles que me perguntarem o que é que essas coisas

## Dos nossos poetas

### ANHÉLIA

ANHÉLIA

*Como dois orfãos, como dois cegos  
Que pela estrada ninguém conduz,  
Como as corujas, como os morcegos,  
Eram meus olhos, sem terem luz.*

O EPHÉBO

*Mesmo de noite, treva cerrada,  
D'olhos p'ra dentro o sol me sorria;  
Tomando á tóa por uma estrada  
O Anjo da Guarda me conduzia.*

ANHÉLIA

*Cantavam Aves: e ao ouvir-lhe o canto  
Dobravam sinos na escuridão...  
Meus olhos eram rios de pranto,  
Mar de saudades meu coração!*

O EPHÉBO

*Rugisse embora tormenta brava  
Nas profundezas do ceo sombrio,  
Sempre em meus lábios cantarolava  
Uma cigarra, como no estio.*

ANHÉLIA

*Vinha-me a aragem embalsamada  
D'um cheiro a rosas, quando passava:  
E o que eu ficava era agonizada  
Do cheiro a lódo que respirava.*

O EPHÉBO

*Passei á beira d'um mar de lama,  
Que me disseram que dava morte:  
A' sua beira fiz minha cama  
E ao outro dia estava mais forte.*

ANHÉLIA

*Se doces fructos se me off'reciam  
E a minha bóca nelles tocava,  
Em fructos vêrdes se convertiam:  
— Eram amargos, quando os trincava.*

O EPHÉBO

*E eu, se enterrava meus alvos dentes  
Na côdea nêgra do meu bernal,  
Nem mesmo os Deuses omnipotentes  
Tinham no Olympo banquête igual.*

ANHÉLIA

*Se as mãos pousava nas orvalhadas  
Rosas que nascem pelos caminhos,  
As mãos ficavam-me ensanguentadas  
Das lindas rosas pelos espinhos.*

O EPHÉBO

*Fui-me ás amóras que são gostosas:  
Por entre as silvas cahí no chão...  
Foi como um banho num mar de rosas:  
— Trazia rosas na minha mão!*

Do poemêto "Anhélia,,"

(1) BEATRIZ PINHEIRO.

(1) Poetisa de muito merecimento. — Os seus versos suavemente cadenciados são por vezes encantadores, pelo seu rythmo harmonioso e doce, pela sua simplicidade graciosa e ingenua.

podiam importar-me, a mim pobre pastor dos montes, responderei que n'esse tempo tinha vinte annos e que *Stéfanete* era o que eu vi-  
ra de mais bello em toda a minha vida.

Ora um domingo que esperava os viveres para quinze dias, succedeu que chegaram muito tarde. De manhã dizia eu: é por causa da «missa cantada»; depois, ao meio dia, veio uma grande tempestade e pensei que a mula não pudesse romper, com o mau estado dos caminhos. Enfim, pelas tres horas, com o ceu já lavado e a montanha brilhando com a agua e o sol, ouvi d'entre o gottejar das folhas e o barulho da cheia dos ribeiros as campainhas da mula, tão alegres, tão so-

noras como um grande carrilhão em um domingo de Paschoa!

Mas não era o pequeno *miarro* nem a tia Norade quem vinha com ella.

Era, advinhem? a nossa *menina*, rapazes! a nossa *menina* em pessoa, assentada entre os alforges, toda rosada pelo ar dos montes e pela frescura que deixára a tempestade!

O pequeno estava doente, a tia Norade fôra a casa ver os filhos.

Disse-m'ó a bella *Stéfanete* quando desmontava da mula, acrescentando ainda que tinha chegado tarde porque se perdera no caminho; mas tão bem vestida, como estava, com a sua fita de flôres, a saia vistosa e as



suas rendas, ella tinha mais o ar de quem se houvesse demorado em um baile, do que procurar o caminho pelos montes.

Como ella estava linda! Os meus olhos não se cançavam de a olhar. E' verdade que eu nunca a vira tão de perto.

Algumas vezes, no inverno, quando os rebanhos desciam ao povoado e que eu entrava á noite na quinta para cear, ella atravessava a sala muito depressa, quazi sem fallar aos creados, sempre bem vestida e um pouco altiva... E agora tinha-a ali junto de mim e só para mim; não era de perder a cabeça?

Quando tirou as provisões dos saccos, Sté-

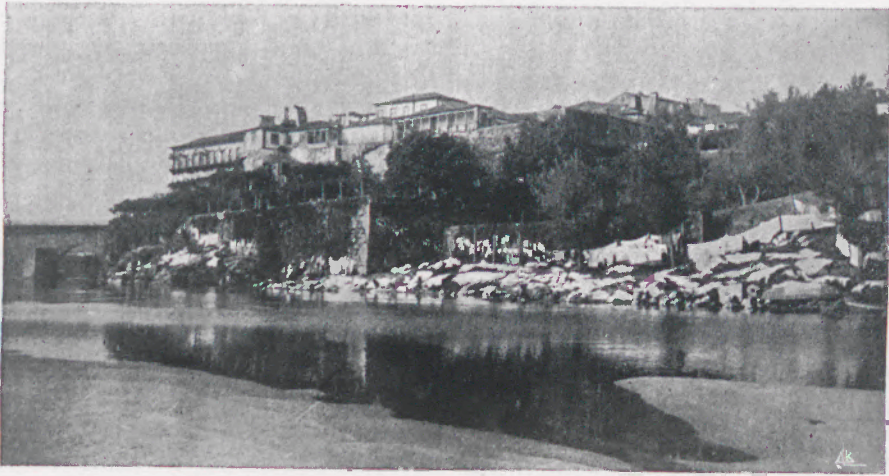
Creio bem que ella o percebeu e que, de má, tinha gosto em augmentar a minha perturbação com ditos maliciosos:

—«E a tua namorada, pastor vem-te ver algumas vezes?... Deve ser com certeza a cabra de ouro, ou a fada *Esterella* que só anda pelos cimos dos montes...

E ella propria, fallando-me assim, tinha o ar da fada *Esterella*, com o lindo riso que a fazia inclinar a cabeça para traz e a pressa de se ir embora, que tornava a sua visita uma *aparição*.

—Adeus pastor.

—Adeus patrôa.



AS LAVADEIRAS NA MARGEM DO CAVADO

Cliché do sr. Luiz Ferraz

Símiligravura de M. Ábreu

*fanete* poz-se a olhar tudo, cheia de curiosidade. Levantando um pouco a sua bella saia domingueira, para a não sujar, entrou no cerrado, quiz ver onde eu me deitava: a cama de palha, com a sua pelle de carneiro, a minha pesada manta, pendurada na parede, o meu cajado de pastor e a minha espingarda de pederneira. Tudo isto a interessava.

—Então é aqui que tu vives, meu pobre pastor? Como te deves aborrecer de estar sempre sósinho! Que fazes tu? Em que pensas?

Eu tinha vontade de responder: «em si, patrôa», e não mentia; mas a minha perturbação era tão grande que não podia dizer uma só palavra.

E ei-la que vae embora, levando vassios os saccos da comida.

Quando ella desapareceu pelo carreiro inclinado, parecia-me que as pedras, que as patas da mula faziam rolar, me cabiam uma a uma sobre o coração. Ouvi-as muito tempo, muito tempo; e, até ao pôr do sol, fiquei como que entorpecido, se mme bulir, com medo que desaparecesse o meu sonho...

Cerca de á noite, quando o fundo dos valles começava a azular e os animaes se juntavam uns contra os outros, para entrar no cerrado, ouvi que me chamavam de baixo e vi apparecer a nossa *menina*, não risonha, como ainda ha pouco, mas toda molhada, a tremer de frio e de medo. Parece que na

falda do monte encontrou a *Sorgue* cheia, com a chuva que cahira durante a tempestade e que, querendo atravessa-la a todo o custo, estivera quazi a afogar-se.

O peor é que a essa hora da noite não se podia pensar em voltar para a quinta, porque a *nossa menina* não saberia dar com o caminho e eu não podia deixar o rebanho.

A ideia de ter de passar a noite no monte mortificava-a muito, sobretudo por causa da inquietação em què ficariam os seus.

Eu tranquillisei-a o mais que pude.

—Em julho as noites são curtas, patrôa... São apenas uns maus momentos...

Accendi logo uma grande fogueira para seccar-lhe os pés e o vestido todo molhado com a agua da *Sorgue*.

Em seguida trouxe-lhe leite e requeijão. Mas a pobresita não pensava nem em aquecer-se nem em comer, e ao ver as grandes lagrimas que lhe subiam aos olhos eu tambem tinha vontade de chorar.

Entretanto anoitecera de todo. Não havia na crista dos montes senão uma poeira de sol, um vapor de luz do lado do poente.

Eu quiz então que a *nossa menina* entrasse no cerrado para dormir. Depois de estender na palha uma linda pelle, nova em folha, dei-lhe as boas noites e fui-me assentar fóra, em frente da porta...

Deus é testemunha que, apezar do fogo de amor que me queimava o sangue, não tive um mau pensamento; nada, a não ser um grande orgulho de pensar que a um canto do cerrado, junto do rebanho, que admirado a via dormir, a filha dos meus amos — como uma ovelha mais preciosa e mais branca do que as outras — repousava confiada á minha guarda. Nunca o ceu me parecera tão profundo, nem as estrellas tão brilhantes...

De subito, porém, abriu-se a cancella do cerrado e appareceu a linda *Stéfanete*.

Não podia dormir. Os animaes faziam barulho na palha, quando se mechiam ou balaavam a sonhar... Ella preferia vir para o pé da fogueira. Vendo isto, lancei-lhe a minha pelle de carneiro sobre os hombros, espértei o lume e ficamos sentados um junto outro, sem fallar.

Se algum de vós já passou uma noite ao ar livre, sabe que, quando dormimos, ha um

mundo mysterioso que desperta na solidão e no silencio. Então as fontes cantam com um som mais claro e nos pantanos surgem pequeninas luzes. Todos os espiritos da montanha vão e vêm livremente; ha no ar rumores, vagos ruidos imperceptiveis, como se a gente ouvisse os ramos a crescer, a herva a nascer da terra.

O dia é a vida dos seres, mas a noite é a vida das coisas.

Quando se não está habituado, tem-se medo...

Por isso a *nossa menina* estava toda a tremer e encostava-se a mim, ao mais pequeno ruido. Uma vez ouviu-se um grito longo, melancolico, vindo do pantano, que brilhava lá ao fundo, e subiu para nós, ondulando. No mesmo instante uma bella estrella cadente passou sobre as nossas cabeças, na mesma direcção, como se o queixume que tinhamos ouvido trouxesse uma luz consigo.

—O que é? perguntou-me *Stéfanete* em voz baixa.

—Uma alma que vae para o ceu, respondi e fiz o signal da cruz.

Ella persignou-se tambem e ficou um momento a olhar para cima, muito pensativa. Depois disse-me:

—Então é verdade, pastor, que vós os pastores sois feiticeiros?

—Nada d'isso *menina!* Nós aqui vivemos mais perto das estrellas e sabemos o que se passa n'ellas, melhor de que os que vivem, lá em baixo, na planicie.

Ella olhava sempre para o ceu, com a cabeça apoiada na mão, envolvida na pelle de carneiro, como um pequeno pastor celeste:

—Tantas que ha! Como são lindas! Nunca vi tantas... Sabes os nomes d'ellas, pastor?

—Sei sim, patrôa. Olhe! Mesmo em cima de nós, vê a estrada de S. Thiago (a Via Lactea). Vae de França direita á Hespanha. Foi S. Thiago quem a fez, para mostrar o caminho ao bravo Carlos Magno, quando guerreava os Sarracenos.

Mais longe, está o carro das almas (*Ursa Maior*), com os seus quatro eixos resplandecentes. As estrellas que estão á frente são os *tres animaes* e esta muito pequena junto da terceira é o *Carreteiro*. Um pouco mais



## BEIJOS DE LUZ

Senhor que a Santa Esposa arrebataste  
Ao triste que a seus pés exausto e só,  
Já vê da sepultura a loisa erguida . . .  
Tu que lhe dizes : « cre na eterna vida,  
Nem tudo a morte aqui desfaz em pó ».

Tu que lhe bradas : — desce um corpo á terra ;  
Mas sobe ao firmamento a Alma e lá  
Vae ser mais uma estrella entre as estrellas . . .  
— Por compaixão, Senhor! Diz-me em qual d'ellas  
Aquella Alma gentil fulgindo está?!

Eu sei que ella do Ceu me olha na terra  
Com divinal carinho, e santo Amor ;  
E que se por mim lagrimas não chora  
E' que junto de Ti, na eterna aurora  
Não ha lucto, nem lagrimas, nem dor.

E sei que o throno e altar, ó Deus, ergueste  
Lá n'esse infundo azul da immensidão  
Aonde Ella explende immersa em luz celeste!  
Mas qual astro, Senhor, é que lhe deste  
No solio teu, por limpida mansão?

(INÉDITO) Outubro, 8 — 1896, Porto.

Quando ás noites percorro com meus olhos  
Quantos astros eu posso ver de cá  
Além, no Ceu, em diamantina réde . . .  
Nunca, ai triste! . . . uma voz que me segrede  
« Aquella a estrella é, Ella está lá! »

Sempre o mesmo silencio aqui na terra ;  
No Ceu, mudo tambem, nunca um signal :  
O vago, o incerto, sempre no hemispherio,  
O infinito, o insondavel, o mysterio,  
Sempre a duvida triste, e a dor fatal

Se tu, Senhor, tu já me revelaste  
Que a alma por quem choro a tens ahí  
No teu cortejo célico de estrellas . . .  
Porquê? Porque me occultas em qual d'ellas  
Habita o Anjo, a Esposa que eu perdi?!

Oh diz-m'o! E ver-me-has ás noites sempre  
De joelhos qual monge aos pés da Cruz,  
Em pia adoração á minha estrella! . . .  
D'olhos fitos no alvor, no brilho d'ella,  
Nos seus raios, nos seus . . . beijos de luz!

JOÃO CANDIDO FURTADO D'ANTAS.

abaixo está o *ancinho* cu os *Tres Reis Magos* (Oriente). E' o que nos serve de relógio. Basta-me olhar para elles, para saber que passa da meia noite.

Um pouco mais abaixo, sempre para o sul, brilha o *João de Milão* que é o luzeiro dos astros (Sirius). Acerca d'esta estrella eis o que os pastores contam :

Parece que uma noite João de Milão, os Tres Reis Magos e o Sete-Estrello (a Pleiade) foram convidados para a boda de uma estrella sua amiga.

O *Sete-Estrello*, mais apressado, partiu primeiro e foi pelo caminho mais por cima. Olhe, lá está ella, no alto, ao fundo do ceu.

Os *Tres Reis Magos* cortaram mais por baixo e apanharam-o; mas o preguiçoso do *João de Milão*, que dormiu até muito tarde, ficou muito para traz e furioso, para os fazer parar, atirou-lhes com o cajado.

E' por isso que os Tres Reis se chamam tambem o *Cajado do João de Milão* . . .

Mas a mais linda de todas as estrellas, patrôa, é a nossa, é a *Estrella do Pastor*, que nos alumia de madrugada quando sahimos com o rebanho e á tarde quando o recolhemos. Tambem lhe chamamos *Magalona*, a bella Magalona, que corre atraz do Pedro da Provença (Saturno) e se casa com elle de sete em sete annos.

— O que dizes, pastor? Pois ha casamentos de estrellas?

— Ha sim, patrôa.

E quando ia para explicar-lhe o que eram esses casamentos, senti alguma coisa suave e fina pesar ligeiramente sobre o meu hombro.

Era a sua cabeça, entorpecida com o somno, que se encostava a mim com um delicado contacto de fitas, rendas e cabellos ondedos.

E ficou assim quieta até que os astros do ceu desmaiaram, apagados pelo dia que vinha rompendo.

Eu via-a dormir, um pouco perturbado, no meu intimo, mas santamente protegido por essa noite clara que me não deu senão pensamentos bellos.

Em volta de nós as estrellas continuavam a sua marcha silenciosa, obedientes como um grande rebanho; e um momento afigurou-se-me que uma d'essas estrellas, a mais fina, a mais brilhante, tendo-se extraviado no caminho, viera pousar sobre o meu hombro, para dormir . . .

A. DAUDET.

\*

**Nota da Redacção:** — Traduzimos para a *Revista* este conto de Daudet, o admiravel auctor do Tartarin, do Jack, da Safo, do Nababo, e de tantas outras obras primas da litteratura franceza. D'entre os seus livros ha um, o primeiro que lhe deu a sua celebridade, escripto aos 26 annos, que é um dos mais delicados, dos mais espontaneos, dos mais harmoniosamente simples que se escreveram, em lingua franceza. As *Cartas do meu moinho* (*Lettres de mon moulin*) são, diz Sarolea, o canto da cigarra ao romper do dia, a fonte limpida, brotando da montanha. Collecção de pequenas narrativas provençaes, têm a graça, a limpidez, a fina malicia, a simplicidade ingenua e por vezes a suave tristeza da alma da Provença. Brilha em todas ellas a limpidez do ceu e claridade do sol, que doura o sul da França. E' uma d'essas narrativas, das mais bellas, porque é das mais simples e delicadas, que procuramos traduzir, sem poder, no entanto, conservar-lhe fielmente esse encanto indefinivel e intraduzivel que perfuma toda a obra de Daudet e que vem tanto da sua delicadeza de sentimento, como da infinita arte da sua maneira de escrever.

## BOAS-FESTAS

A redacção do «Barcellos-Revista» cumprimenta cordealmente os seus prezados assignantes e distinctos collaboradores e collegas, desejando-lhes boas-festas e um novo anno de prosperidades.

## NATAL

**PRESSUROSA** e rapida, n'aquelle andar gracioso que todos lhe conhecem, a Heleninha, a Heleninha dos olhos pretos, pizando com as botinhas de verniz, — onde se encerram, como n'uma caixinha de joias, dois pés minusculos e bem formados, — o pavimento sujo e enlameado das ruas, vae entrando aqui e alli, nas mercearias, nas lojas de modas e nas confeitarias, afim de fazer as suas provisões para a noite de Natal.

Nas mercearias ella discute, com o caixeiro lepidio e amavel, que lhe falla com toda a melodia que pode arranjar, o preço exorbitante e desproporcionado do vinho do Porto, que se esconde em garrafas escuras, sobre as quaes reluzem, á luz dos bicos do acetylene ou da luz Ideal, os rotulos doirados onde S. José está a trabalhar com o Menino . . .

Na loja de modas, ella, a linda Heleninha, cujo gosto é o codigo dos gostos da casa, escolhe, no meio de uma barafunda de rendas, de vidrilhos, e de sedas, uma prenda fina, artistica, talvez um *cache-sol* exotico e exquisito, para offerter áquelle que a brindou este anno com o lindo brilhante de mil fogos, engastado e ternamente adormecido no anular branco e esguio da sua mão direita.

Na confeitaria, ella põe de parte os pastéis e as guloseimas, as *bombonnières* de surpresas e as caixas enfeitadas de fructas secas, de laranja, da bella laranja do Salvação, para em casa adornar, logo á noite, a meza fulgurante e poetica que só uma vez no anno — por occasião do Natal — se reveste dos melhores encantos que a Heleninha phantasia.

E depois, quando os manos pequeninos e gordufos, a esperam com anciedade á porta da casa, á espera da Heleninha carregada de prendas, ella beija-os, acaricia-os, e pensa de si para si, n'um d'estes orgulhos legitimos e doces que as mulheres sabem inventar:

«Eu sou com certeza ainda a melhor prenda do Natal».

J. SEVERO.